



O CHAMADO DIVINO É COERCITIVO? UMA PERSPECTIVA DA SOBERANIA DIVINA EM Jn. 1:1-3

Is the Divine Call Coercive? A Perspective of Divine Sovereignty in Jonah 1:1-3

Pedro Evaristo Conceição Santos*



* O autor possui doutorado em Letras pela Universidade de São Paulo. Realizou ainda estudos pós-doutorais na FAJE – BH. É professor visitante na FBC, UCESP e na graduação e pós-graduação da FTBSP e Logos. E-mail: santosp20@yahoo.com.br

RESUMO:

A temática da soberania divina e liberdade humana é um assunto recorrente nos estudos teológicos bem como nos círculos com menos pretensão no diálogo acadêmico. A razão para isso está em que a Escritura ensina claramente que Deus é soberano, e sua vontade se cumpre sem qualquer impedimento. Mas ela ensina também que o homem tem responsabilidade por seus atos e por eles responderá diante de Deus. Este artigo abordará a temática acima com uma visão da natureza nos assírios e, em seguida, apresentará uma análise de Jonas 1:1-3.

PALAVRAS-CHAVE: Deus; Soberania; Jonas; Chamada.

ABSTRACT:

The theme of divine sovereignty and human freedom is a recurring subject in theological studies as well as in less pretense circles in academic dialogue. The reason for this is that Scripture clearly teaches that God is sovereign, and His will is fulfilled without any hindrance. But the Bible also teaches that man has responsibility for his acts and for them he will answer before God. This article will address the above theme with a view of nature in the Assyrians and then present an analysis of Jonah 1,1-3.

KEYWORDS: God; Sovereignty; Jonah; Call.

1 – INTRODUÇÃO

A temática da soberania divina e a liberdade humana é um assunto recorrente no meio acadêmico bem como nos círculos com menos pretensão na área. A razão para isso está em que a Escritura ensina claramente que Deus é soberano, e sua vontade se cumpre sem qualquer impedimento. Mas ela ensina também que o homem tem responsabilidade por seus atos e por eles responderá diante de Deus.

O livro de Jonas desafia o leitor a refletir sobre a soberania de Deus num ponto muito sensível ao vocacionado contemporâneo – a soberania divina no chamado. A ilustração viva dessa soberania no chamado é o profeta Jeremias, que, mesmo calando-se como profeta do Senhor, percebeu a impossibilidade de resistir ao comando divino para que profetizasse (Jeremias 20:9), dando-lhe a entender que ele não teria alternativa.

O outro exemplo vivo é o profeta Jonas¹. Porém, por que Jonas quis fugir do cumprimento da vontade de Deus? Qual a natureza do povo a quem Deus lhe manda pregar? Como Jonas 1:1-3 apresenta o chamado divino de modo soberano e sem opções de escolha para a realização de sua vocação, a não ser obedecer? Que ilustrações dessa soberania são apresentadas na narrativa do livro?

2 – POR QUE JONAS RESISTIU A DEUS? OS ASSÍRIOS: A FONTE DA RESISTÊNCIA DE JONAS

De acordo com Gênesis 10:11-12, a cidade de Nínive foi fundada por Ninrode, vindo a ser conhecida como “a Grande Cidade” (Jonas 1:2; 3:2; 4:11)². Por volta de 700 AC, Senaqueribe transformou-a na capital do império, fazendo-a bem fortificada (BEWER, 1999, p. 28), ficando assim até sua queda em 612 AC. A capital anterior era Calá. O nome, “Assíria”, deriva da divindade principal daquele império, Assur, deus da

¹ Pode-se ainda fazer menção a Moisés (Êxodo 3 e 4).

² Bruckner (2004, p. 30) diz que o livro de Jonas é uma narrativa superlativa porque eventos, lugares e emoções são chamadas de “grande”. Esse adjetivo aparece no livro por quinze vezes: 1,2.4.10.12.16.17; 3,2.3.5.7; 4,1.6.10.11.

guerra (ELLISSEN, 1991, p. 314-316). Daí o entendimento de os ninivitas serem um povo temido e perverso na arte de fazer suas guerras. Também notamos que eles refletem aquilo que o objeto de seu culto é. Um salmo já dizia: “Tornem-se semelhantes a eles aqueles que os adoram” (Sl. 115:8).

A faixa de terra compreendida entre os rios Tigre e Eufrates foi ocupada, na maior parte do tempo compreendido pelo Velho Testamento³, pela Assíria (BATCHELOR, 1995, p. 50), hoje ocupada pelo Iraque. A Assíria tornara-se potência mundial em 1100 a. C., mas só em 900 AC ficou firme nessa posição. Tiglate-Pileser III (745-727 AC, o Pul na Bíblia, 2 Reis 15,19 e 1 Crônicas 5,26) levou as fronteiras de seu império em todas as direções. A Assíria foi por 250 anos o império mais temido em todo o Oriente Próximo (DOWLEY, 1997, p. 43).

A Assíria era um império guerreiro e cruel com seus conquistados. Quando uma cidade era conquistada, o rei assírio punha-se a porta, assentado em seu trono, assistindo o desfile dos prisioneiros acorrentados ou em jaulas. A seguir os prisioneiros eram torturados, seus olhos eram tapados, e queimados até morrer (BRUCKNER, 2004, p. 28-30). Note a pergunta que finaliza o livro de Na 3,19: “Quem não sofreu por sua crueldade sem limites?”⁴ Por muitos anos a Assíria havia massacrado Israel. Nos dias de Jonas, a Assíria estava enfrentando um tempo de declínio. Mas não havia sido sempre assim.

Os reis assírios orgulhavam-se de suas conquistas e violência. Um deles se vangloriava de ter levantado uma coluna com corpos contorcidos em agonia. Os escribas, por sua vez, contavam as cabeças dos mortos e depois formavam pirâmides com elas (DOWLEY, 1997, p. 43). Pode-se ver através de Naum que as maldades eram muito terríveis: muitas de suas vítimas eram decapitadas, deportadas ou queimadas (2,12-13); os líderes das cidades conquistadas eram torturados e mutilados antes de serem executados (3,3); Nínive é chamada de violenta e que nunca vinha sem vítima (Na 3,1); ainda havia prostituição e bruxaria (Na 3,4), numa demonstração que toda maldade

³ Velho Testamento daqui em diante será abreviado em VT.

⁴ Os dois livros que terminam com perguntas na Bíblia são Naum e Jonas. Os dois têm seu conteúdo relacionado com a Assíria.

precisa de uma fonte de poder por trás, bem como explorações comerciais com seus parceiros.

Os assírios e babilônios viviam em um mundo habitado e controlado por deuses, demônios, espíritos, fantasmas de mortos. Eles entendiam que alguns desses seres eram bons para com os homens, outros eram maus. Os homens viviam sob o constante temor de ver, de repente, um de seus deuses irado. Catástrofes eram interpretadas como indícios de que algum deus estava irado. Como resultado, adivinhação, exorcismo, encantamento e astrologia eram indispensáveis à vida, tanto governamental como privada, para que pudesse se descobrir e controlar os planos dos poderes sobrenaturais. Sem contar ainda com o sistema de saúde da época, o qual era precário, onde as pessoas se amontoavam com os mais variados tipos de doenças, não sendo incomum que as pessoas morressem nas ruas. Alguns reis pagavam fortunas ao Egito para terem tratamento de seus médicos. A medicina no Egito era mais avançada (GWALTNEY, 1996, p. 77-106).

Do que se pode ver, Jonas tinha muitos motivos para fugir. Ele presumiu que a vontade de Deus tinha a ver como o exercício de sua bondade sobre os povos, e poderia derramar sua compaixão, não seu juízo, sobre os assírios. Os assírios eram imbatíveis nos campos de batalha, mas viviam em um mundo de terror quando se tratava de seu relacionamento com as divindades de sua adoração. A esse povo que vivia à sombra de uma espiritualidade maligna, Jonas não deseja ver a benção divina derramada sobre ele. Porque Deus é bom, Jonas quer fugir.

O livro de Jonas pode ser situado no período de fraqueza da Assíria entre a morte de Adad-nirari III (em 782 AC) e a subida ao trono de Tiglate-pileser III (745 AC). Jeroboão II reinou entre 793 a 753 AC. No período de sua fraqueza, a Assíria estava envolvida em uma guerra de vida ou morte com tribos de Urarto, Mannai e Madai no norte, as quais estavam querendo expandir suas fronteiras a pouco mais de cem quilômetros da fronteira de Nínive. A compreensão de sua fraqueza e derrota iminentes fez o coração dos ninivitas acessível à mensagem do profeta Jonas (ELLISON, 1985, p. 361).

O maior desejo de Jonas, segundo o capítulo 4, era a destruição dos assírios. Por anos a Assíria fora um império perverso com Israel. Suas invasões sempre deixaram um

rastró de destruição e um reino cambaleante. Agora, Deus, por meio de seu profeta, manda uma mensagem que pode resultar na salvação dos assírios, um povo que, por sua perversidade em suas batalhas, foi sem igual no mundo antigo (SICRE, 2002, p. 328).

3. ANÁLISE DE JONAS 1:1-3: SOBERANIA DIVINA E CHAMADO HUMANO

3.1 - A Palavra divina (1,1.2)⁵

“E veio⁶ a palavra do Senhor para⁷ Jonas, filho de Amitai, para dizer⁸”.

“Veio a palavra para”.⁹ O chamado divino nas Escrituras sempre vem por meio da fala divina ao seu vocacionado. Deus não costuma deixar dúvidas naquele que ele chama. A narrativa começa com “e veio”, como Rute 1:1 e 1 Samuel 1:1. Essa é uma fórmula padrão com que eventos históricos foram ligados um ao outro, numa sequência cronológica. Em Jonas não está claro com qual evento a fórmula introdutória faz relação. Para Bewer, a frase “e veio” “tornou-se tão usada em narrativas que ela poderia estar no começo de uma história sem requerer um antecedente” (1999, p. 28).

⁵ Os versículos de Jonas, neste artigo, são traduções do hebraico feitas pelo articulista.

⁶ Verbo hebraico, *hayah*, “ser” ou “estar” é empregado, não o verbo “vir”. Daí ele pode ter o sentido de “vir a existir”, com a ideia de algo que ganha a realidade. Como o livro quase inteiramente é uma narrativa (CONSTABLE, 2017, p. 1), essa declaração é a que mais aproxima o livro do enquadramento de Jonas como livro profético, haja vista que ela é uma frase muito comum nos escritos proféticos.

⁷ A preposição *'el* é preposição de movimento, “para”, “na direção de”. Ela mostra a Palavra divina como tomando a direção de seu alvo para que, por meio dele, ela atinja seu objetivo final, os assírios em Nínive. Considere o que diz Romanos 1:16.17 e Hebreus 4:12. A vitalidade da Palavra é demonstrada em toda a sua força em Isaías 55:11.

⁸ Aqui o que temos é um infinitivo de propósito, *le'mor* (preposição + infinitivo construto do verbo “dizer”, *'amar*, “dizendo”; literalmente: “para dizer”, para comunicar algo; a palavra vem para falar algo ao seu profeta). A construção aponta para o fim a que se destina a Palavra que Jonas está recebendo. A Palavra vem para comunicar algo. A mensagem é propositiva. A tradução usual dessa construção infinitiva é “dizendo”. Os tradutores entenderam que há uma ação simultânea entre o ato de a Palavra vir, ou ser, e a chegada da mensagem ao mensageiro.

⁹ Essa fórmula “introduz a comunicação divina a um profeta por mais de cem vezes no Antigo Testamento” (ALEXANDER, 1988, p. 97).

Nesse livro, primeiro, a Palavra vem a Jonas, depois, os eventos que seguem a chegada dela. O livro começa com muitos oráculos proféticos. A Palavra de Deus vem como se fosse uma entidade independente do próprio Deus. Essa é uma forma comum de indicar a fonte divina da revelação ao profeta (cf. 1 Reis 17:8; Jr 1:2.4; Oséias 1:1; Joel 1:1; Ageu 1:1.3; Zacarias 1:1.7), e, em certo sentido, de uma autonomia da Palavra divina, dotada de capacidade para realizar aquilo para o qual ela foi designada. Se Jonas deve ser chamado, então é isso que ela fará. Na linguagem profética do VT, a soberania divina é exercida por sua Palavra (e também pelo Espírito). Deus fala, e a Palavra vai e realiza. Por isso Jeremias sentiu seu peso. O juízo profetizado por esse profeta viria sem trégua sobre seu povo.

O verbo “e veio” (“foi / tornou-se / era”) salienta algo regular, como se o texto bíblico dissesse “regularmente ou diariamente, a palavra do Senhor vinha a Jonas” (imperfectivo frequentativo)¹⁰. Diante disso, é possível sacar as seguintes implicações: Primeiro – Jonas estava resistindo à insistente ordem divina. Segundo – Jonas é silencioso. Ele não diz nem sim nem não. Terceiro – esse silêncio em Jonas deu-lhe tempo para tramar sua fuga, e inventar suas desculpas para não obedecer. Quarto – Jonas era alguém bem informado. Ele sabia para onde fugir, e onde encontrar um navio para levá-lo até o lugar desejado e onde fosse, suficientemente, distante do plano de Deus para sua vida. Quinto – é óbvio que a resistência à ordem divina é resultado de seu ódio aos violentos assírios.

Mas, quem é Jonas? O nome “Jonas” significa “pomba”. Provavelmente os pais dele viram docilidade na criança nascida, e, por isso, deram-lhe esse nome. Ou, viram algum tipo de característica que ele tinha e que essa ave também possuía. Seu pai aparece no texto com o nome de Amitai (cujo significado é “leal” ou “fiel” [CONSTABLE, 2017, p. 12]). Jonas morava em Gate-Hefer, na tribo de Zebulom, no Reino do Norte, Israel.

Ele viveu no reinado de Jeroboão II. Foi por meio dele que veio a profecia sobre o sucesso militar desse rei sobre os assírios, a fim de que as antigas fronteiras do reino do

¹⁰ É o que algumas gramáticas chamam de passado costumeiro.

norte fossem restabelecidas, e sabemos que essa profecia foi cumprida. Jonas foi bem-sucedido como profeta, no sentido que suas profecias até ali foram cumpridas¹¹. Assim, é possível assumir que Jonas fosse de certa idade quando a incumbência de pregar aos ninivitas lhe fora concedida.

Também se pode deduzir que Jonas, como profeta bem sucedido, desfrutasse de certos privilégios dentro da nação, mesmo que ele pudesse gemer pela idolatria e os males sociais reinantes em sua nação sob Jeroboão II, como Amós os afirmaria. Destaque-se, ademais, que Jonas é o único profeta que Deus envia a um país estrangeiro mensagem de arrependimento (CONSTABLE, 2017, p. 1). Mas que tal arrependimento não é declarado, mas é entendido pelos ouvintes como uma possibilidade, caso o Deus que os ameaça aceite sua postura diante da Palavra.

3.2 - O conteúdo da Palavra divina entregue a Jonas (1:2)

“Levanta,¹² vai para Nínive, a cidade grande, e proclama¹³ contra ela. Porque sua perversidade subiu para minha face¹⁴”.

Jonas é o único profeta do norte, entre a morte de Elias e Eliseu, e o aparecimento de Oséias (2 Reis 14,25). Aproximadamente 40 anos se passaram entre os dois e Oséias. Jonas é o único porta-voz divino nesse período de 40 anos (ELLISON apud CONSTABLE, 2017, p. 3). Então, nesse período de “silêncio profético” a Israel, Jonas é convocado pela palavra que lhe foi enviada com um conteúdo expresso por três imperativos (v. 2): “Levanta”, “vai” (“parte”)¹⁵, “clama” (“proclama” ou “grita”, fala em voz alta como um arauto).

¹¹ Paradoxalmente, ele teme que, desta vez, a sua mensagem não seja cumprida.

¹² Apronta-te. Jonas deveria ficar em prontidão como um militar que está pronto para a guerra. Aqui a prontidão é para obedecer à mensagem que lhe veio por meio da Palavra.

¹³ Como arauto divino, ele tem um *kerygma* para proclamar, em voz alta, na cidade grande, Nínive.

¹⁴ Deus está sendo afrontado pela perversidade do povo de Nínive. A LXX diz “a mim / para mim” (*prós me*). Deus está recebendo uma visita indesejada e repetitiva diante dele a partir de Nínive. Notar Gênesis 18,20, onde algo semelhante é dito acerca de Sodoma e Gomorra.

¹⁵ O chamado de Abraão em Gênesis 12,1 tem o mesmo imperativo, “sai”, ou “vai”.

Os três imperativos chamam Jonas para a ação. Primeiro – o verbo “levantar” tem uso em lugares onde parece haver acomodação: Abraão na separação de Ló (Gênesis 13:17); a demora de Ló em obedecer e sair da cidade (Gênesis 19:15); o choro e desesperança de Hagar (Gênesis 21:18); Josué após ser derrotado em Ai (Josué 7:10); Esdras quando chorava devido o pecado do povo (Esdras 10:4). Parece haver nesses exemplos tristeza, medo, derrota, apego aos bens, arrependimento, a acomodação a uma situação, ou aquele momento em que, de tão abatido ou acomodado, falta-lhe a iniciativa para tomar uma decisão.

Então Deus se interpõe com uma ordem, um novo desafio para a vida do homem de Deus. Desses exemplos, nota-se que Deus manda que seus servos se levantem quando estão acomodados (Abraão e Ló), sentindo-se sem esperança (Hagar), ou derrotados (Josué e Esdras), ou odiando o próximo (Jonas). Em todos eles, a Palavra a quem ela se dirige, nessas condições, não está fazendo o que Deus quer que eles façam.

Ele profetizou sobre o reino de Jeroboão II (2 Reis 14:23-27). Esse ato da misericórdia divina está por trás da razão de Jonas fugir (Jonas 4:2) quando foi ele mandado a Nínive. Mesmo com os bezerros de ouro no norte e sul de Israel, Deus concedeu paz e expansão sob o governo de Jeroboão II, enquanto causava transtornos na Assíria, como mencionado antes.

Segundo – o verbo “ir” (“vai”). Enquanto o imperativo “levanta” pede prontidão, o imperativo seguinte, “vai”, aponta a direção e para aquilo que Deus ordena a prontidão para ação. O lar de Jonas ficava em Gate-Hefer, uma pequena aldeia na tribo de Zebulom. Era uma aldeia pacata, com pouca gente e sem importância para a nação, exceto pela presença do profeta bem-sucedido ali, Jonas. Ele tinha cumprido seu papel como profeta. Mas Deus ainda tinha trabalho para Jonas. Quem se importaria com um morador de uma humilde aldeia? Deus se importou. Ele tinha trabalho para Jonas. O Hebraico diz “Vai a Nínive, a grande cidade”. Deus não deixa dúvida quanto ao local. Jonas também não.

Gate-Hefer era uma aldeia, talvez, com mil a três mil habitantes. Ficava próximo das colinas de Moriá (isso lembrava Abraão e Isaque, e também a célebre frase “o Senhor proverá”). Próximo também estava o monte Tabor com altitude de 584 m. Baraque

colocou ali suas tropas contra Sísera (Juízes 4:6,14s). O Salmo 89:12 cita o monte Tabor juntamente com o Hermom em louvor a Deus. Ficava também próxima ao monte Gilboa, onde morreram Saul e seus filhos numa batalha contra os filisteus. O primeiro rei de Israel fora derrotado ali. A realeza recém-nascida sofria naquele monte seu primeiro tombo. Próximo dali também ficava o monte Carmelo, onde Elias venceu os profetas de Baal (1 Reis 19). Jonas ficava próximo de lugares marcantes na história da nação. Ele podia levantar de manhã e olhar para esses lugares e lembrar-se dos grandes atos de Deus no passado do povo de Deus.

Entretanto, no exercício de sua soberania, Deus se interpõe para “incomodar” seu profeta “acomodado”, na certeza que a única alternativa que Jonas tem é a obediência sem questionar. Então a ordem é: “Vai para Nínive”. Simples assim. A direção é estabelecida para o profeta do Senhor seguir.

Nínive ficava em torno de 800 km de Israel. Uma viagem até lá duraria pelo menos um mês naquele tempo. Calcula-se que no tempo de Jonas a grande Nínive tivesse 600 mil habitantes (CONSTABLE, 2017, p. 2). Nínive era a maior cidade do mundo naquela época. Repetidamente ela é chamada de “grande cidade” no livro de Jonas (1:2; 3:2,3; 4:1).

Terceiro – o verbo “clamar ou gritar”. “Levanta” aponta para a prontidão; “Vai” aponta para a direção; “Clama” aponta para a mensagem, para o grito do arauto na proclamação da mensagem que lhe fora entregue para ele falar. Ele tem uma mensagem a comunicar e é específica para Nínive: “Fala alto para que todos ouçam”, “grita em suas ruas a mensagem que eu tenho contra¹⁶ ela”.

“Contra” está indicando a natureza da pregação de Jonas: ele tem uma mensagem de ameaça. Jonas vai anunciar uma mensagem de juízo, a qual demonstra que Deus está contra Nínive por causa de seu pecado contra Deus. Deus é o adversário de Nínive que vem lutar e derrotar Nínive, caso ela não se renda a ele. Deus vem contra Nínive como

¹⁶ A preposição ‘*al*’ retém o seu significado básico de “contra”, indicando a natureza da pregação de Jonas. Em 3:2 a preposição empregada é outra, ‘*el*’, “para”. “Contra” porque a mensagem se opõe a expectativa dos ouvintes. “Para” porque a mensagem tem uma audiência específica.

aquele rei que cerca uma cidade que não lhe quer abrir os portões. Então ele dá um prazo para sua conquista.

O pecado de Nínive, no final, é contra Deus. Então, Deus está contra Nínive. O exército ninivita destruía e arrasava cidades, espalhando sua maldade em cima dos povos. Mas, toda sua crueldade era, no final das contas, contra Deus. Por essa razão Deus está contra Nínive. Em sua soberania, Deus está afetando não somente seu profeta escolhido, mas também os destinatários de sua mensagem¹⁷.

A maldade dela era muito grande. O aumento da maldade de Nínive começou a incomodar Deus, de tal modo que ele teve que tomar providência (“... chegou até mim...”).¹⁸ A ideia que Deus está querendo que Jonas capte é: “Grite aos habitantes de Nínive que a perversidade deles se tornou conhecida de mim” (ELLISON, 1985, p. 369). Deus conhece o orgulho (Isaías 10,13) de sua autoconfiança bem como de sua crueldade (Naum 3,1.10.19).

3.3 - A Reação de Jonas ao chamado divino (Jonas 1:3)

Mas Jonas se levantou para fugir, da presença do Senhor, para Tárzis. E ele desceu para Jope e encontrou um barco que estava indo para Tárzis. Então ele deu seu pagamento, e desceu nele para ir com eles para Tárzis de diante do Senhor¹⁹.

¹⁷ Não é a primeira vez que Deus interfere diretamente na história dos povos. Ele já fez isso no Dilúvio, em Babel e com Sodoma e Gomorra (Gênesis 6; 11; 18.19). Além disso, ele destruiu toda a força do Egito e dos reis que não se submeteram a Israel enquanto chegava às planícies de Moabe. Deus não pede licença para entrar na história de um povo. O salmista diz que ao Senhor pertencem a terra e tudo que nela há (Salmo 24). Se for assim, então ele pode fazer o que ele quer com aquilo que é dele. Porém, é a primeira vez que ele tem um objetivo soteriológico em sua interferência. A soberania de Deus extrapola as fronteiras de seu povo, Israel, ela é global.

¹⁸ Ver Sodoma e Gomorra onde a mesma expressão aparece em Gênesis 18:20-21; 19:12-13. Mas Ele é misericordioso (Jn 4:2). Ele volta atrás no juízo quando alguém se arrepende. Sodoma e Gomorra tinham Ló, chamado por Pedro (2 Pedro 2,7) de justo. Os ninivitas teriam Jonas.

¹⁹ Notar neste versículo: há duas ocorrências do verbo “descer” – a terceira aparece no v. 5; três ocorrências do substantivo “Tárzis”; e duas aparições de “da presença do Senhor”, ligadas a Tárzis. Há três imperativos de comando – levanta, vai, clama, e há três ocorrências do verbo descer para apontar que Jonas está desobedecendo cada um dos comandos.

Em certo sentido, ele obedeceu ao primeiro comando. A ordem divina era em primeiro lugar para Jonas dispor-se, ele levantou-se. Jonas obedeceu a essa parte, mas a seu modo. Ele dispôs-se ou levantou-se para desobedecer a Deus. Jonas se dispôs com atitude errada. Sua rebeldia o levava para o lado oposto da ordem divina.

Ele tinha uma estratégia planejada: “Ele dispôs-se para fugir”. O verbo fugir ocorre 66 vezes no AT. A maioria das vezes fala de fugir de um inimigo, ou inimigos, ou de um lugar. Isso conduz a compreensão de que tipo de consideração estava tendo Jonas para com Deus. Deus passou a ser um inimigo de Jonas porque a vontade de Deus não era a vontade de Jonas.

Fugir para onde? Társis. Três vezes a palavra aparece no v. 3. Em duas delas é acrescentada a expressão “da presença de Deus”. Então, assim como Nínive é a cidade grande, onde Jonas tem que entregar a mensagem divina, Társis é o lugar onde se pensa se esconder da face de Deus. Jonas não parece ter um conceito limitado de Deus. Entretanto, ele quer fugir da esfera de influência de Deus. Ele presume que saindo da Terra Prometida, onde está o Templo do Senhor, ele estaria fora da influência divina. É interessante que em Jonas 1,9, ele demonstra sua crença em um Deus criador de tudo o que há. Ele quer fugir, não da onipresença divina, mas de seu serviço ao Senhor, o Deus-Rei de Israel. Ele quer fugir de sua Palavra.

Ele sabia, então, que se Deus poderia trazer destruição a Nínive no oriente, poderia fazer o mesmo em Társis no ocidente. Ele sabia, portanto, que ele não estaria fugindo do poder de Deus, mas do plano de trabalho divino no mundo em seus propósitos e julgamentos. Jonas sai de Gate-Hefer com essa intenção. Ir para Társis era algo premeditado. Fugir para Társis implicava em estar fora da vontade de Deus. Em certo sentido, Társis é símbolo do lugar onde o homem se coloca fora do plano de Deus.

Percebe-se que nestes versículos existe uma progressão na descida de Jonas para distanciar-se de Deus. O verbo “descer” ocorre três vezes nos primeiros cinco versículos: Jonas “desceu a Jope”, depois “desceu” no navio (“embarcou” é tradução do verbo Hebraico para descer), e no navio “ele desceu” para a parte de trás. Cada escalada na descida é um degrau a mais no seu propósito de fugir de Deus. Recorde-se que o nome

“Jonas” significa “pomba”. Parece paradoxal que suas ações sejam diametralmente opostas ao significado de seu nome.

Um pouco de geografia seria interessante aqui. Nínive ficava a 800 km de Israel. Jope era cidade portuária distante 94 km de Gate-Hefer. Jonas levou cerca de três a dias para chegar lá, tempo suficiente para ele mudar de ideia. Ele começa a caminhada em sentido contrário, e é persistente em sua determinação. Társis ficava no sudoeste da Espanha. Era uma colônia fenícia próxima ao estreito de Gibraltar que liga o mar Mediterrâneo ao oceano Atlântico. Ficava a quase 4.000 km de distância de Jope. Mais de 4 vezes a distância que ele teria que percorrer para Nínive. O que isso indica é que Jonas deseja um lugar distante e onde ele fosse esquecido para não fazer o que Deus lhe designara.

4 – SOBERANIA E PALAVRA SOBRE A CRIAÇÃO

Após a rejeição de Jonas ao comando divino, ele inicia um projeto de fuga. Mas o foco de todas as manifestações sobrenaturais e soberanas que Deus empreende tem como meta mostrar a Jonas a impossibilidade de fugir de seu objetivo estabelecido por Deus – proclamar a mensagem divina contra os ninivitas. A narrativa que segue torna-se dramática para Jonas por causa das ações repressivas de Deus contra as decisões de Jonas.

4.1 - A Soberania Divina sobre a Criação: O Forte Vento e o Mar agitado (1:4)

“E o Senhor²⁰ lançou um grande vento²¹ para o mar. Então, aconteceu uma grande tempestade no mar. Assim, o barco estava perto de ser quebrado”²².

²⁰ O texto altera a ordem comum da frase hebraica (verbo e depois o sujeito) e coloca o SENHOR na frente do verbo como forma de enfatizar a origem divina da tempestade (ALEXANDER, 1988, p. 102). Ver ainda 4,11, onde o pronome pessoal “eu” abre a frase em estrutura narrativa. Segundo Sasson, essa ordem alterada da frase hebraica em narração “desloca o foco da atividade para o autor” (1990, p. 93).

²¹ Grande/forte vento. Em 1 Reis 19,11 vemos Elias no monte Horebe onde acontece haver um vento que despedaçava as rochas. Jó 1,19 tem um vento que derrubou a casa onde estavam os filhos de Jó. Também Deus se revela a Jó a partir de um redemoinho. Êxodo 14 mostra o vento que abriu o caminho para os israelitas pelo mar. Essas passagens mostram que o vento aqui também é anormal. Todas essas, como em Jonas 1,4, mostram que esses ventos são enviados por alguém sobre-humano. Esse vento mostrava o poder controlador de Deus sobre a Criação.

²² Notar a ocorrência da palavra “grande” antes de “vento” e “tempestade”.

No antigo Oriente Próximo, havia a crença que os deuses colocaram ordem para derrotar o caos. O mar era visto como o lugar onde as forças do caos estavam envolvidas, e ali o homem não tinha nenhum controle. Na mitologia grega, Poseidon (Netuno) era o deus do mar e também do tremor de terra (ELLISON, 1985, p. 370). Já nas mitologias babilônica e suméria, “Merodaque, campeão dos deuses, teve uma batalha fatal com Tiamat e, matando-a, dividiu seu corpo formando com a metade dele o céu e com a outra metade a terra” (MERRILL, 2009, p. 139).

Porém, os marinheiros, provavelmente, eram fenícios. Os fenícios adoravam Baal. Baal era o deus da tempestade, e deus dominante na adoração dos cananeus. Era deus da fertilidade por enviar chuva para frutificação dos campos – eles acreditavam que Baal fez a chuva. Esse aspecto era de muita importância para uma comunidade que dependia da agricultura (HOUSE, 1995, p. 210). O navio em que Jonas viaja estava sob grande tempestade. Então, é de se pressupor que eles invoquem Baal, ou alguma versão local dele.²³ Contudo, não é Baal, Merodaque ou Poseidon quem está mandando o forte vento, mas o Deus de Jonas. A Escritura, por vezes, salienta que esse controle está sob o domínio de Deus. É ele quem tem o completo senhorio sobre a criação e ela o serve (Salmo 24:2; 33:7; 65:7; 74:13; 77:19; 89:9; 114:3,5; Isaías 27:1; 51:10; 63:11; Jeremias 5:22; 31:35).

O texto diz que esse vento é sobrenatural. O próprio Deus o enviou. Jonas 1:4 diz “e lançou”. É uma palavra forte. Ela pode indicar o arremesso de alguma coisa de forma violenta.²⁴ Deus está reagindo à atitude de Jonas. Jonas podia fugir da terra onde estava o templo, Jerusalém, mas não podia fugir do Deus do Templo.

Não há coincidência na tempestade. O autor bíblico coloca o SENHOR como sendo o autor, o agente causador da tormenta, fazendo com que o navio chegasse ao ponto de quase ir a pique. É interessante notar que o verbo diz que, literalmente, o navio “pensava em se despedaçar”. É o uso de algo inanimado como personalizado, como se o

²³ Na Escritura há referências de locais que levam o nome Baal: Baal-Peor (Números 25:3,5), Baal-Berite (Juízes 9:40), Baal-Zebube (2 Reis 1:2). Essas divindades locais são “venerações locais da mesma divindade semítica ocidental da tempestade e da fertilidade conhecida simplesmente por Baal” (WALTKE, 1998, p. 199).

²⁴ Esse verbo (hifil de *twl*) volta a aparecer na boca de Jonas em 1,12, quando ele orienta os marinheiros a jogá-lo ao mar. Também em 1,14 quando os marinheiros, finalmente, seguem a orientação de Jonas.

navio estivesse expressando grande sofrimento. Por outro lado, pode-se dizer que, por causa de Jonas, até o navio está sofrendo.

4.2 - A Soberania Divina sobre a “sorte” (1,7-10)

“E disseram, cada homem, para seu próximo: Vinde e lancemos sortes²⁵ e saibamos por causa de quem este mal²⁶ (veio) para nós. E caiu a sorte sobre Jonas”.

Provavelmente, por causa da falta de resposta dos deuses e devido a gravidade crescente da tempestade, os marinheiros suspeitavam que alguma coisa estava errada a bordo do navio. Não é surpresa o que acontece – Jonas é sorteado. Mais uma vez é demonstrado que Deus está no controle dos destinos humanos. Merrill declara que:

O lançar de sorte como meio de decisão divinamente sancionado não só era permitido sob determinadas circunstâncias, mas, na verdade, ordenado. A informação produzida por esse meio, embora não fosse verbal no sentido estrito, fornecia acesso à mente do Senhor em resposta a perguntas verbais (2009, p. 109).

Tanto Jonas quanto os marinheiros entenderam que o resultado daquele procedimento era a revelação do que eles pediam. Eles queriam saber quem era a causa de seus problemas naquele momento. Com esse desvendamento, Jonas sabia que não podia se esconder. Ele se torna sensível à situação perigosa em que todos eles estão envolvidos por causa de sua decisão errada.

Assim, quando entrevistado pelos marinheiros (1:8,9), ele demonstra consciência da natureza do seu Deus. Ele é o Deus da aliança, o SENHOR. É também o Criador. Ele responde aqui em termos religiosos para distingui-los dos outros. O SENHOR é soberano

²⁵ Pedras atiradas para determinar uma decisão. O verbo é do tronco causativo: “causemos cair sortes”, literalmente.

²⁶ A palavra “mal” é a mesma usada no v. 2 para a perversidade de Nínive. Aqui tem o sentido de “calamidade”.

em contraste com Baal, que é considerado ser deus do céu. Numa sociedade politeísta, descrever o SENHOR como Deus do céu era a forma perfeita de expressar a supremacia do Deus dos Hebreus (ELLISON, 1985, p. 372) sobre qualquer outro deus.

Quando Jonas diz que ele teme “o Deus do céu”²⁷ ele estava usando uma terminologia apropriada para dirigir-se aos fenícios, pois se eles adoravam uma versão local de Baal denominada de Baal Shamem, “senhor do céu”, então Jonas estava dizendo que o seu Deus era superior ao dos marinheiros. Assim, ele estava dizendo duas coisas: Primeiro, não é Baal que domina a tempestade, raios e trovões. O seu Deus que criou tudo é quem tem esse domínio. Portanto, em segundo lugar, não adiantaria eles clamarem por seu deus. Ele não os ouviria. O Deus de Jonas é o responsável pela crise que eles estão vivenciando ali. A única forma de apaziguá-lo é fazendo o que ele quer. E a única pessoa naquele navio que poderia guiar os marinheiros nesse procedimento é o próprio Jonas (1,11-16).

4.3 - A Soberania Divina: O Deus que designa (1:17; Hebraico 2:1)

“E o Senhor proveu um grande peixe para tragar Jonas. E esteve Jonas no interior do peixe três dias e três noites”.

Novamente o texto mostra Deus coordenando tudo. Agora Ele envia um grande peixe. O poder de Deus é demonstrado em que aquele peixe estava ali no exato momento do lançamento de Jonas. Entre tantos peixes grandes no Mar Mediterrâneo, especificamente aquele foi designado por Deus para engolir Jonas.

O grande peixe volta a aparecer em 2:10: “E disse o Senhor para o peixe, e ele vomitou Jonas na (para a) terra seca”. Em 1:17 é dito que Deus designou um peixe para engolir Jonas. Aqui é dito que ele fala ao peixe para que ele expila Jonas. O peixe

²⁷ Veja ocorrências desse epíteto em 2 Cr 36:23; Ed 1:2; Ne 1:4-5; 2:4; e Dn. Mas também note Gn 24:3, 7. Esse é um título antigo, mais tarde usado no tempo do império persa, após o exílio.

prontamente o faz. Quem mandou o peixe para engolir Jonas? 1:17 – Deus. Quem mandou ou peixe jogar Jonas para fora?

“Ele designou” é traduzido por “preparou” (*manah*), em 1:17. Esse verbo também ocorre em: 4,6, onde diz que Deus “fez nascer uma planta”. “Nascer” é tradução de *manah*. Em 4:7, declara que “Deus enviou um verme”. Ele designou um verme específico para matar a planta que ele havia designado para proteger Jonas do sol. A morte da planta destaca que a soberania de Deus está não somente em atos de misericórdia, como também sobre o fim da vida, em atos de juízo. Aquele que dá vida tem direito de dar fim à vida que ele deu. Assim como a morte da planta causou dor em Jonas, condenar milhares de ninivitas, sem qualquer resquício de misericórdia divina sobre eles, não deveria causar dor maior?

E, em 4:8, Deus manda um vento, ou designa um vento para vir sobre Jonas. Em cada um desses versículos é estampada a capacidade de Deus de controlar a natureza como lhe agrada. Ao designar, os objetos designados obedecem. O mesmo não pode ser diferente com Jonas.

O grande peixe, a planta e o vento foram designados por Deus para serem os meios de preservação da vida de Jonas, e fazê-lo refletir sobre a sua missão em Nínive. Os quais, figurativamente, foram empregados para falar do próprio Jonas. Ele era o meio designado por seu Deus para preservar o povo de Nínive. Nisso, ele não tinha como escapar.

5 – A SOBERANIA DE DEUS NA SALVAÇÃO (2,9)

“Mas eu²⁸, com voz de cântico de gratidão, sacrificarei a ti. Eu cumprirei aquilo que votei. A salvação é do Senhor”.

O texto que pode ser considerado chave no livro está em Jonas 2:9. A pergunta que Jonas responde aqui é: A quem pertence a salvação? E se ela pertence a Deus, ele não

²⁸ Em contraste com os que honram o vapor da vaidade, a idolatria vigente tanto em Nínive como entre os marinheiros.

pode conceder a quem ele quer? No versículo, ele fala de cantar um salmo de gratidão. Não se sabe se ele recitará um salmo ou se ele vai criar um. Pode ser também que Jonas 2 seja esse salmo de gratidão que ele entoou no templo, juntamente com o sacrifício que ele havia prometido. A promessa de cumprimento de voto feito relembra as palavras dos marinheiros em Jonas 1:16.

A declaração final, “Ao Senhor pertence a salvação”, “resume melhor a apreciação de Jonas por tudo o que Deus tem feito por ele” (ALEXANDER, 1988, p. 117-118). Ela salienta que não cabe a Jonas decidir quem deve ser salvo. Isso é da competência de Deus. Jonas queria fugir porque Deus é bom, e, como resultado disso, poderia conceder graça aos ninivitas. Mas ele mesmo foi objeto da graça de Deus. A salvação que trata o versículo mira a salvação do próprio Jonas do ventre do grande peixe, em seu sentido imediato. Porém, no sentido mais largo, ele fala da salvação daqueles a quem ele devia ir em obediência a ordem divina. Porque Deus é Salvador será o motivo de ele ficar irado no capítulo 4.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro de Jonas é pequeno, quando comparado com outros livros proféticos, como Isaías e Jeremias. O livro também, diferentemente dos outros profetas, é caracteristicamente narrativo, com a exceção do capítulo 2. Porém, é um livro que substancialmente narra a história de um profeta sob a ação soberana de seu Deus, cujo fim é leva-lo a cumprir o que Deus quer dele. É um livro pequeno, mas carregado de ações soberanas de Deus. Todas elas encaminham numa direção: Jonas tem que ir aonde Deus o quer, assim como o grande peixe, o forte vento, o verme, a planta e o vento oriental.

A implicação disso é destacar a grande lição que é impossível fugir de Deus e de seu propósito estabelecido para seu profeta. Mas essa implicação deve ser estendida um pouco mais. Jonas viveu sob o reinado de Jeroboão II, profetizou a sua expansão territorial e, por derivação, a econômica. Ao mostrar a soberania divina sobre Jonas, o Deus de

Israel estava indicando para seu povo, as dez tribos do norte, que sua prosperidade, bem como seus bezerros de ouro, era ilusão temporária que não faria Israel escapar do juízo divino. Israel teria que se encontrar com seu Deus. Deus fora bondoso com seu povo, dando-lhe prosperidade, como dito por Jonas. Porém, o juízo chegaria, como ilustrado com a morte da planta.

Há outra implicação para Jonas e Israel. Mesmo que a mensagem seja carregada de indignação divina contra seu destinatário, ela ainda traz a compaixão divina em seu cerne. A salvação de milhares de ninivitas, quando Deus poupou milhares de ninivitas, não transformando Nínive, como o fez com Sodoma e Gomorra, é clara demonstração disso. As mensagens de Juízo que viriam sobre Israel e seus ídolos eram mais demonstrações da bondade divina que de seu desfavor.

Mas há outra grande lição para Israel. Assim como Jonas não pode fugir do chamado divino, e Deus, coercitivamente, o levou a cumprir seu propósito, Israel jamais deixaria de cumprir sua missão, mesmo escondendo-se atrás de seus bezerros de ouro. O exílio viria sobre Israel, mas isso não seria o seu fim. A misericórdia divina sobre Israel vista na expansão territorial era apenas um sinal da misericórdia futura de Deus sobre seu povo.

Finalmente, se a salvação pertence a Deus, e ele tem seus arautos para a divulgarem. Então, não há como fugir de Deus e de sua vocação. Quando ele chama, ele tem o intuito de ver sua missão cumprida. Isso quer dizer que, se Deus deixasse Jonas fugir, o próprio Deus teria falhado com os ninivitas. E se ele não tivesse autoridade sobre Jonas para que ele fosse a Nínive, como ele poderia garantir que teria poder para salvar o ninivitas, ou mesmo destruir a cidade, caso eles não se arrependessem?

Deus é soberano. Não há como escapar disso. O chamado é coercitivo porque ele impõe sobre o vocacionado o dever de atendê-lo. Porém, isso não deve ser visto como manifestação da tirania divina, mas de sua bondade. O próprio Jonas reconhece que Deus é bom. Em Jonas 4,2, ele diz que Deus é “gracioso, compassivo, longânimo, muito gentil, e aquele que se arrepende do mal”. Além do mais, o atendimento feito à oração de Jonas, em Jonas 2, é demonstração da bondade divina.

Por isso, deve-se notar que todos os eventos miraculosos no livro de Jonas são expressões de sua bondade com Jonas, os marinheiros e os ninivitas. A existência desse livro deve levar o leitor a grandes expectativas e esperanças sobre e a partir do Deus de Israel²⁹. E o chamado divino e a sua insistência com seu vocacionado demonstra a grandeza da bondade de Deus.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Desmond. **Jonah – an introduction and commentary** IN: *The Tyndale Old Testament Commentaries*. Downers Grove, Illinois: Inter-Varsity Press, 1988.

BARKER, David W., ALEXANDER, T. Desmond & STURZ, Richard J. **Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque e Sofonias** – Introdução e comentário. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001.

BATCHELOR, Mary. **A Bíblia em Foco**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1995.

BEWER, Julius A. **A Critical and Exegetical Commentary on Jonah** IN: *The International Critical Commentary*. Edinburgh: T & T Clark, 1999.

BRUCKNER, James. **The NIV Application Commentary: Jonah, Nahum, Habakkuk, Zephaniah**. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 2004.

CONSTABLE, Thomas L. **Jonah**. <http://www.soniclight.com/>: 2017 edição.

DOWLEY, Tim, ed. **Atlas Vida Nova – da Bíblia e da História do Cristianismo**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1997.

ELLISSEN, Stanley A. **Conheça Melhor o Antigo Testamento**. São Paulo: Editora Vida, 1991.

ELLISON, H. L. JONAH in: **The Expositor's Bible Commentary**, vol. 7. Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1985.

GWALTNEY JR., William C. ASSYRIANS, IN: **Peoples of the Old Testament World**. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1996, p. 77-106. Editors: Alfred J. Oerth, Gerald L. Mattingly, Edwin M. Yamauchi.

²⁹ Em Êxodo 34,5-7 o Nome divino é visto como um Nome que incorpora todas essas qualidades que Jonas menciona no capítulo 4.

HOUSE, Paul R. **1, 2 Kings** IN: **The New American Commentary**. Broadman & Holman Publishers, 1995. Volume 8.

KEIL & DELITZSCH. **Old Testament Commentaries** – Ezekiel XXV to Malachi. Grand Rapids, Michigan: Associated Publishers and Authors inc. Vol. 6.

MERRILL, Eugene H. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Shedd Publicações, 2009.

SASSON, Jack M. **Jonah**. New Haven & London: Yale University Press, 1990.

SICRE, José Luís. **Profetismo em Israel: o profeta, os profetas, a mensagem**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

WALTKE, Bruce K. ba'al IN: **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1998.